

A INFLUÊNCIA DOS FATORES EMOCIONAIS NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

THE INFLUENCE OF EMOTIONAL FACTORS ON THE ENGLISH LANGUAGE TEACHING AND LEARNING PROCESS

PAULINÉLIA SILVA BARBOSA (UNEB)¹
KEILA MENDES DOS SANTOS (UNEB)²

Resumo:

Segundo autores como Krashen (1981;1982), Mastrella (2011), Santos e Barcelos (2018), Elias e Machado (2021), os fatores emocionais são muito importantes para aprendizagem de uma nova língua, pois são responsáveis pela motivação como também a desmotivação do aluno. Visando ressaltar a importância das emoções no processo de aprendizagem da língua inglesa, este trabalho buscou investigar a influência dos fatores emocionais no desenvolvimento da oralidade no referido idioma. A questão problema que norteou a investigação foi: qual a importância dos fatores emocionais no processo Ensino/aprendizagem de inglês para estudantes do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB Campus VI? Com propósito de responder ao problema em evidência, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, contemplando um estudo de caso. Os dados foram produzidos por intermédio de um questionário semiestruturado e uma narrativa de aprendizagem. Os participantes da pesquisa foram os estudantes do último semestre, do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB, Campus VI. Os dados coletados neste trabalho foram analisados com base nos preceitos da análise de conteúdo de Bardin (2016). Os resultados alcançados mostraram que as emoções têm um papel importante no processo ensino/aprendizagem da língua inglesa, podendo contribuir de forma positiva, como interferir de forma negativa, causando prejuízos principalmente na comunicação oral. A pesquisa mostrou-se de suma relevância para auxiliar os professores a identificar as emoções que impactam de forma negativa os seus alunos durante as aulas, podendo assim, ajudá-los a vencer o medo, a insegurança, a vergonha, oferecendo ao aprendiz um ensino de qualidade de forma leve, descontraída e motivadora.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino e aprendizagem. Fatores emocionais. Língua Inglesa.

Abstract: According to authors such as Krashen (1981; 1982), Mastrella (2011), Barcelos and Santos (2018), Elias and Machado (2021), emotional factors are very important for learning a new language, as they are responsible for both student motivation and demotivation. Aiming to highlight the importance of emotions in the English language learning process, this study

¹ Professora da Educação Básica. Graduada em Letras Língua Inglesa e Literaturas - UNEB. Pós-graduada em Metodologia de Ensino da Língua Inglesa - FMU. Email: paulinelia@outlook.com.

² Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Doutora em Educação. Email: kmendes@uneb.br.

investigated the influence of emotional factors on the development of oral skills among English learners. The guiding question for this research was: How important are emotional factors in the English language teaching and learning process for undergraduate students of English Language and Literature? To answer this question, it was conducted a qualitative research, including a case study. The data were collected through a semi-structured questionnaire and a learning narrative. The participants were students enrolled in the last semester of the English Language and Literature course at UNEB, Campus VI. The data collected in the study were analyzed based on the precepts of content analysis proposed by Bardin (2016). The results showed that emotions play an important role in the English teaching and learning process, and can contribute positively or interfere negatively, causing impairments, particularly in oral communication. The research proved to be extremely relevant in helping teachers identify the emotions that negatively impact their students during class, helping them overcome fear, insecurity, and embarrassment, offering students quality instruction in a relaxed and motivating environment.

Keywords: Affection. Teaching and learning. Emotional factors. English language.

INTRODUÇÃO

A Língua Inglesa (LI), atualmente considerada a língua da comunicação global, é o idioma mais falado por pessoas que não a têm como língua materna. Dominá-la se tornou fundamental para ter acesso a diversas oportunidades, principalmente no mercado de trabalho e na vida acadêmica. Isto porque, ter conhecimento da LI possibilita o acesso a diversos materiais de estudo, textos, notícias e pesquisas mais recentes, assim como o contato com pessoas de diferentes lugares do mundo.

Porém, aprender um novo idioma envolve uma série de fatores que influenciam no desenvolvimento efetivo das habilidades linguísticas, como os recursos apropriados, tempo dedicado, método e principalmente a mediação docente e os fatores emocionais. Para estudantes de um novo idioma, normalmente, o interesse principal é desenvolver as habilidades de fala para se comunicar, o que acaba afetando alguns aprendizes emocionalmente pois, se expressar em uma nova língua implica se expor diante de outras pessoas (Mastrella, 2011). Desse modo, timidez, ansiedade e falta de autoconfiança, são elementos comumente presentes ao longo deste processo, apresentados, na maior parte das situações, por aprendizes iniciantes que não se sentem confiantes frente à sua proficiência oral.

Ao abordarmos a relação entre educação e emoções, Elias e Machado (2021), afirmam que a afetividade é a mola propulsora para a construção de saberes. No contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), quando se trata de se expressar oralmente, o medo, a timidez, a ansiedade e o nervosismo acompanham alguns alunos, o que causa prejuízos ao seu desenvolvimento. Ao se deixarem tomar por estas emoções, muitos deles não conseguem falar em frente aos colegas e professores sendo comum, conforme destacam Barcelos e Santos (2018), que alunos mais tímidos evitem se comunicar no novo idioma por medo de cometerem erros, uma vez que mostrar suas competências orais na língua-alvo envolve estar exposto ao julgamento do outro, o que gera desconforto, tensão e ansiedade, dificultando a comunicação.

Segundo Krashen (1981), Mastrella (2011), Barcelos e Santos (2018), Elias e Machado (2021), referencial basilar que será utilizado neste estudo, os fatores emocionais são muito importantes para aprendizagem de uma nova língua, pois são responsáveis pela motivação como também a desmotivação do aluno. Assim, é notável que a afetividade faz parte do processo de ensino/aprendizagem, visto que um discente ansioso, com baixa autoestima, desmotivado ou com um alto filtro afetivo, terá dificuldades em apresentar resultados satisfatórios na assimilação dos conteúdos e interação com seus pares.

Diante do exposto, surgiu o seguinte questionamento como proposta de pesquisa: qual a importância dos fatores emocionais no Ensino/aprendizagem da LI para estudantes do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB, Campus VI? Para alcançar possíveis respostas para este questionamento, tivemos como objetivo geral: investigar a influência dos fatores emocionais, com foco na oralidade, no processo ensino/aprendizagem da LI, por parte de estudantes do curso Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB, Campus VI. Para tanto, foi realizado um estudo de caso de natureza qualitativa com cinco estudantes de Licenciatura em Letras Língua Inglesa, cursando o último semestre.

Com os resultados alcançados, esperamos contribuir para a formação dos professores de Língua Inglesa, destacando a relevância das emoções na educação e de um ensino de línguas mediado pela afetividade, de maneira que os alunos consigam ampliar sua autoestima, vencer a insegurança, a timidez e se comunicar com mais propriedade no idioma que estão aprendendo.

OS FATORES EMOCIONAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

De acordo com Krashen (1982), Figueiredo (2011), Lago (2011), Mastrella (2011), Barcelos; Santos (2018), Elias; Machado (2021), os fatores emocionais apresentam influências significativas no processo de aprendizagem, no caso específico deste estudo, da aprendizagem de uma LE. Os autores enfatizam que as emoções podem afetar a construção dos conhecimentos seja de maneira positiva, contribuindo para o bom desempenho do aluno por meio de estímulos que o encoraje, motive, eleve a autoestima e a confiança, como também de maneira negativa, com base em emoções como medo, desmotivação, insegurança, timidez, vergonha e frustração que comprometem a evolução do estudante.

Ao tratar do processo de aprendizagem de línguas, Krashen (1982), apresenta cinco hipóteses: a distinção entre aquisição e aprendizagem, a ordem natural, o monitor, o *Input* e o filtro afetivo. Embora todas as hipóteses sejam relevantes para a compreensão dos aspectos envolvidos na aprendizagem de um novo idioma, neste estudo, focaremos nas considerações do autor sobre o filtro afetivo.

Segundo Krashen (1982), o filtro afetivo consiste em um bloqueio mental que, a depender de como está sendo regulado, dificulta que aprendizes façam o uso pleno do *input*, ou seja, do conteúdo ou informação que lhe está sendo apresentado, destacando que quanto mais alto estiver o filtro afetivo, mais a pessoa terá dificuldades de aprender. Para Krashen, o *input*, antes mesmo de ser internalizado, já encontra seu primeiro obstáculo no filtro afetivo que está intimamente associado a fatores internos, principalmente ao estado emocional. Assim, baixa autoconfiança, desmotivação e ansiedade, poderão dificultar a aquisição da língua alvo. Se os aprendizes estiverem psicologicamente motivados, por sua vez, estando relaxados, com autoconfiança elevada e baixa ansiedade, terão elementos favoráveis para uma boa aquisição, sendo relevante que aprendam regular suas emoções, mantendo o filtro afetivo baixo. Esta ação se faz relevante principalmente no desenvolvimento da habilidade oral em uma LE, neste caso, na língua inglesa.

Conforme Barcelos e Santos (2018, p.20) destacam, praticar a oralidade em LE não é uma tarefa simples, pois “As interações que ocorrem no contexto de aprendizagem são marcadas pela presença de várias emoções tais como motivação, alegria, paixão, medo,

vergonha ou ansiedade”. Em consonância com os autores, Figueiredo (2011) complementa dizendo que a ansiedade está relacionada aos sentimentos de apreensão, frustração, desconforto e preocupação, que se manifestam quando o aprendiz é exposto a alguma situação, como por exemplo, falar em público ou quando está sendo avaliado pelo professor.

Outro fator emocional que tem fundamental importância na aprendizagem de uma língua estrangeira é a motivação, definida por Elias; Machado (2021, p. 31) como “o ato de motivar (motivo + ação), isto é, um motivo que leve o indivíduo à ação, algo que o faça agir”, podendo ocorrer pautado em estímulos internos e externos, ou seja, de forma intrínseca ou extrínseca. A motivação intrínseca é o desejo próprio do aprendiz que estimula sua realização e satisfação pessoal, já a motivação extrínseca está relacionada a fatores externos como a obtenção de recompensas materiais ou sociais (Elias; Machado, 2021).

Como apontam os autores supracitados, o aluno motivado apresenta um nível alto de concentração e emoções positivas, cabendo aos educadores a tarefa de explorar a força motivacional, ressaltando o esforço pessoal dos seus educandos. No entanto, para que isso aconteça, os professores também precisam estar motivados para transmitir entusiasmo e despertar curiosidade e vontade de aprender um novo idioma em seus alunos.

Elias e Machado (2021) destacam ainda que o fato de o aprendiz lembrar de forma positiva dos professores que contribuíram para o seu aprendizado tirando dúvidas, indicando os melhores caminhos a seguir ou acolhendo suas dificuldades, mostra que estes educadores estão guardados em suas memórias de maneira afetiva, sendo reconhecidos também por suas atitudes humanas para além das profissionais.

Diante disso, podemos perceber que o trabalho do professor, quando são fornecidos recursos para executá-lo com dedicação e carinho, irá impactar com resultados positivos, pois, “A maneira como o professor se comporta com seus alunos, por meio da motivação, dos desejos e valores, afeta todo o contexto da sua sala de aula e perpassa os muros escolares” (Elias; Machado, 2021, p. 82).

Devido a estas percepções, a relação e o vínculo afetivo entre professor e aluno se tornam cada vez mais significativos. Segundo Oliveira (2014, p. 25) [...] “um professor irônico, arrogante, impaciente ou mal-humorado faz com que o clima da aula seja tenso, chato, levando os alunos a não sentirem a menor vontade de irem para suas aulas”,

dificultando a aprendizagem. Frente às influências das emoções do docente em suas práticas, ao tratar da formação dos professores é preciso destacar que este profissional, desde o momento em que escolhe atuar na área, esteja ciente que precisará estabelecer contato com outras pessoas e que tenha em vista que o ato de ensinar ultrapassa a transmissão de conteúdo. Freire (2019, p. 127), ao abordar a proposta de uma educação afetiva, elucida que “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.” Assim, ao ensinar com amor, é possível compreender o outro auxiliando em seu crescimento, visto que o aluno que se sente acolhido e entendido pelo seu professor terá maiores possibilidades de se envolver no que está aprendendo.

O professor, ao demonstrar cuidado e afeto pelo aprendiz, mostrando-se disponível para a escuta atenta dos seus anseios, reconhecendo suas virtudes e também as dificuldades que enfrenta, permite que o aprendiz se sinta notado, criando oportunidades para que ele possa reconhecer seus medos, limitações e as emoções que impactam negativamente em sua aprendizagem. Nas palavras de Elias e Machado (2021, p. 83), “a afetividade é um componente básico no processo ensino/aprendizagem porque dinamiza as interações, facilita a comunicação, promove a união e multiplica as potencialidades”.

Neste sentido, o afeto é percebido pelos autores como um instrumento capaz de transformar a educação, pois essa relação afetiva entre professor/aluno promove um ambiente agradável e propício para emoções positivas e, conseqüentemente, favorável ao bom desempenho no que se dispõe a aprender. Portanto, é imprescindível que ao longo da formação inicial sejam abordados aspectos referentes aos impactos das emoções e da afetividade no processo ensino/aprendizagem de LI, de maneira que o docente seja minimamente preparado para auxiliar os discentes a reconhecerem suas emoções e como elas interferem ou auxiliam no desenvolvimento das suas habilidades.

METODOLOGIA

Este estudo teve por objetivo investigar a influência dos fatores emocionais no processo ensino/aprendizagem da LI, com foco no desenvolvimento da oralidade. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual os dados foram coletados por meio de questionários e narrativas de aprendizagem. A problemática norteadora pauta-se no seguinte

questionamento: qual a importância dos fatores emocionais no processo ensino/aprendizagem da LI para estudantes do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da UNEB, Campus VI? A pesquisa foi realizada com 5 (cinco) licenciandos do último semestre do referido curso, que foram identificados com nomes fictícios sob sua escolha para preservar suas identidades. Os dados coletados foram analisados com base nos preceitos da análise de conteúdo de Bardin (2016) partindo de três categorias: as influências positivas e negativas das emoções no processo ensino/aprendizagem da LI; o desafio da oralidade em LI; a importância da afetividade em sala de aula. Na sequência, discorreremos sobre os achados de pesquisa evidenciados em cada uma das categorias.

As influências positivas e negativas das emoções no processo ensino/aprendizagem da LI

Os fatores emocionais são muito relevantes ao se aprender uma LE. Isto porque, as emoções fazem parte das nossas vidas em todos os aspectos, não estando alheias aos ambientes de aprendizagem, podendo influenciar de maneiras positivas e negativas o desenvolvimento das habilidades linguísticas. As emoções positivas como a motivação, autoestima, segurança, autoconfiança contribuem para um bom resultado na aprendizagem, enquanto as emoções negativas como desmotivação, insegurança, medo, timidez, vergonha, baixa autoestima, atrapalham o rendimento do aprendiz. Nas respostas dos questionários e nas narrativas dos participantes, todos afirmaram terem sido afetados em algum momento pelas emoções, conforme podemos observar nos trechos em sequência:

[...] no início do meu processo de aprendizagem eu não conseguia me sentir motivada a aprender a língua [...] ver outras pessoas falando fluentemente e eu não, me fazia sentir insegurança, timidez e principalmente, vergonha. Depois que comecei a realizar um curso de inglês *online*, fui percebendo o quanto eu estava evoluindo com aquilo, isso foi me motivando a buscar novos conhecimentos (Ana Júlia, em resposta ao questionário).

As emoções na maioria das vezes interferiram de forma negativa no meu processo de aprendizagem, porque eu ficava nervosa, insegura, com vergonha de pronunciar as palavras por achar que não estava correta. O medo também foi um dos fatores que em algumas vezes me impediu de explorar mais a língua e de me engajar em atividades desafiadoras como por exemplo uma conversa com um colega (Anny, em resposta ao questionário).

As emoções me afetaram de ambas as formas, pois no início do meu aprendizado eu não me identificava com a língua. Isso me gerava a desmotivação, insegurança. Mas

após eu entender melhor o processo de estudo e achar táticas e métodos que eram melhores para mim, adquiri autoconfiança e bastante segurança (Klaus Baudelaire, em resposta ao questionário).

Percebo que as emoções interferiram tanto positiva como negativamente em minha aprendizagem de inglês. Tive mais emoções positivas no início da graduação [...]. Também me sentia feliz quando alguns professores elogiavam a minha pronúncia e a minha desenvoltura [...], entretanto, houve momentos que senti tristeza, frustração e arrependimento em ter escolhido cursar Letras/Inglês [...] (Maria Luísa, em resposta ao questionário).

[...] os fatores emocionais [...] puderam influenciar na minha capacidade de compreensão de maneiras positiva e negativa. De maneira positiva, porque as emoções como: curiosidade, motivação e entusiasmo [...] influenciam de maneira a despertar o desejo de buscar mais e mais conhecimento. Já a parte negativa, foi o fato de as emoções como: negatividade, medo, ansiedade, fizeram com que eu não tivesse muito rendimento, isso acabou gerando um pouco de frustração em relação a aprendizagem (Anny, trecho da narrativa).

[...] ficava frustrado com meu desempenho pois eu não me dedicava. Apenas quando comecei a ouvir músicas em inglês foi que eu descobri meu amor pelo idioma. A insegurança deu lugar a motivação pois eu queria cantar como os artistas que eu tanto amava (Klaus Baudelaire, trecho narrativa).

Como vimos nas respostas acima, a motivação é identificada por alguns dos participantes como uma emoção positiva e benéfica para a aprendizagem, pois proporciona um impulso de buscar mais, instigando o desejo de ampliar conhecimentos e continuar tentando, mesmo diante dos fracassos. Isto condiz com o que pontuam Elias e Machado (2021), ao afirmarem que a motivação é um dos principais mecanismos para que o indivíduo consiga evoluir e alcançar seus objetivos, pois, ao se sentir motivado, será capaz de superar os desafios mesmo após alguma tentativa frustrada.

Por outro lado, vimos que as emoções negativas inibem o aluno e atrapalham seu desenvolvimento. Algumas destas emoções, citadas pelos participantes como fatores que interferiram de forma negativa na sua aprendizagem da LI foram: medo, vergonha, timidez, desmotivação, insegurança. Como exemplo, podemos destacar a fala de Maria Luísa quando afirma que ao receber críticas que não contribuíam para seu crescimento ficava desestimulada e desmotivada a continuar seus estudos.

Aqui podemos destacar a relevância do papel docente e sua sensibilidade e empatia ao corrigir o aprendiz, de maneira que o *feedback* apresentado não frustre o aluno levando-o a desistir do processo. Ao tratar destas questões, Figueiredo (2011, p. 133) afirma que o

professor tem várias possibilidades de corrigir os erros dos seus alunos, porém, a correção precisa ser feita de maneira cuidadosa para que não venha causar bloqueios na aprendizagem. Ainda nesse sentido, Elias e Machado (2021, p. 35) pontuam que [...] “é fundamental que o ambiente de aprendizagem mobilize emoções positivas como entusiasmo, motivação, envolvimento e desafios prazerosos, afastando as negativas como ansiedade, medo, frustração e apatia”. Percebemos na fala de Maria Luísa que, em alguns momentos do seu processo de aprendizagem, faltaram esses aspectos essenciais em sala de aula, o que a deixou frustrada e tentada a desistir do curso.

Anny e Klaus também destacam os impactos positivos e negativos das emoções em sua aprendizagem. Enquanto Anny menciona que foi influenciada pelas emoções positivas como curiosidade, entusiasmo, motivação, despertando nela o desejo de buscar mais conhecimento, também foi afetada de maneira negativa com o medo, a ansiedade, que lhe impediram de alcançar os objetivos desejados, o que acabou gerando frustrações.

Por outro lado, Klaus destaca que se sentiu frustrado pelo seu mau desempenho, já que não conseguia se dedicar por não ter encontrado uma metodologia que o motivasse, até se identificar com o aprendizado de LI por meio de músicas. A frustração e a insegurança foram transformadas em motivação que o impulsionou a melhorar ainda mais o seu domínio na língua alvo. Com base nos excertos analisados, é perceptível que o ambiente da aula, de maneira ampla, considerando recursos, metodologia, postura docente e discente, exerce influência nas emoções dos aprendizes de formas positivas e negativas, sendo relevante a adoção de metodologias que contemplem alunos com diferentes perfis, deixando evidente que os erros estarão sempre presentes ao aprendermos algo novo.

O desafio da oralidade em LI

Ao tratar da aprendizagem de uma língua estrangeira, Mastrella (2011) e Barcelos; Santos (2018) destacam que o desenvolvimento da habilidade oral é o mais desafiador para os estudantes, o que também foi enfatizado pelos participantes deste estudo. Isto porque, conforme destaca Mastrella (2011), falar implica em mostrar o seu nível de proficiência na habilidade oral de maneira instantânea, diferente das demais competências como leitura, escuta e escrita. Enquanto na escrita há tempo de planejamento, uma vez que a pessoa pode

escrever e reescrever várias vezes, no *listening*, quando incompreendido, o ouvinte pode pedir para o interlocutor repetir, no *reading*, dependendo das circunstâncias, o aluno pode treinar antes de ler, o *speaking* é imediato. Se houver algo de errado na fala será percebido no momento da interação, não havendo tempo para correções. O que faz com que o aprendiz se sinta constrangido, inseguro e envergonhado, apresentando mais dificuldades para se comunicar oralmente.

Neste sentido, Barcelos e Santos (2018) afirmam ser comum que alunos tímidos deixem de falar inglês na aula por medo de cometerem erros e serem julgados pelos colegas, ou por acharem o nível dos seus colegas superior ao seu, o que prejudica o seu desenvolvimento, pois este momento de troca com os pares é de suma importância para praticar a fala. Ao serem questionados sobre como se sentem quando precisam interagir com os professores, colegas ou apresentar algum trabalho oral em língua inglesa, os participantes trouxeram as seguintes respostas:

[...] me sinto muito nervosa quando vejo que todos estão com os olhares e atenção em mim (Ana Júlia, em resposta ao questionário).

Insegura, muito nervosa, travo e não consigo me expressar corretamente como gostaria. Quando eu preciso apresentar trabalho oral eu fico muito nervosa por medo de cometer erros, de não ser compreendida ou de ser julgada pelos colegas e professores. [...] acabo não fazendo o trabalho da forma que me preparei, de como gostaria que saísse (Anny, em resposta ao questionário).

Inseguro, muito nervoso, sinto muita vergonha. Mesmo tendo um bom controle e uma quase fluência, minha ansiedade e insegurança de cometer erros e ser julgado prejudica meu desempenho (Klaus Baudelaire, em resposta ao questionário).

[...] sinto muita vergonha, travo e não consigo me expressar corretamente como gostaria. Eu sempre ouvi que tenho facilidade em me expressar e em fazer apresentações, no entanto, isso não era suficiente para eu me sentir tranquila, pelo contrário, a tremedeira era inevitável. E isso se aplica ainda mais quando eu tenho que me expressar no idioma, houve momentos em que eu sabia tudo o que deveria dizer, mas não conseguia desenrolar a comunicação e às vezes até me esquecia de coisas bastante simples (Maria Luísa, em resposta ao questionário).

Ao observar as falas dos participantes podemos identificar as dificuldades enfrentadas para se comunicar oralmente fazendo o uso da LI, sendo o nervosismo fator predominante até para alunos que afirmam ter nível considerável de fluência como Klaus e Maria Luísa.

Os desafios citados, quando não devidamente trabalhados, podem causar bloqueio na hora de falar, tornando-se obstáculos na aprendizagem, visto que aprendizes dominados por

emoções desagradáveis preferem ficar em silêncio e fugir das interações em sala de aula com medo de não serem compreendidos, como salienta Mastrella (2011). Ao tratarem dos alunos mais introspectivos, Barcelos e Santos (2018) pontuam que estes, quando estão falando para um público, mesmo pequeno, se sentem o centro das atenções o que causa desconforto. Assim, os autores reafirmam que emoções como a timidez e o medo, fazem com que o discente tenha receio de errar e se expor, impactando de forma negativa e gerando barreiras na comunicação.

A importância da afetividade em sala de aula

Tornar o ambiente de aprendizagem acolhedor contribui para que o aprendiz se sinta motivado e impulsionado a aprender. Este aspecto é abordado nas competências gerais da BNCC, Brasil (2017) tratando da afetividade na educação, o que ressalta a importância das emoções no desenvolvimento dos estudantes. Elias e Machado (2021) argumentam que o afeto não apenas contribui para a construção da aprendizagem, mas é essencial na mediação e empatia entre educador e educando, pois, é na parte do cérebro responsável pela afetividade que as emoções são organizadas, proporcionando concentração e o prazer em aprender.

Ao questionar aos participantes se eles acreditam que um professor afetuoso, acolhedor, compreensivo e que mantém uma boa relação com seus alunos, contribui de alguma forma para sua aprendizagem, estes foram unânimes em suas respostas afirmativas, apresentando justificativas diversas.

Sim. Quando o professor apresenta todos estes aspectos, o aluno se sente confortável e motivado a aprender e seguir em frente cada vez mais (Ana Júlia, em resposta ao questionário).

Sim. Um professor que é afetuoso, acolhedor e compreensivo pode ter um impacto significativo no desempenho dos alunos e em sua motivação para aprender. Quando os alunos se sentem valorizados e apoiados pelo professor, é mais provável que se engajem nas aulas, participem ativamente das atividades e se sintam confortáveis para fazer perguntas e expressar suas dificuldades. Isso cria um ambiente de aprendizado positivo, onde os alunos se sentem seguros para explorar e experimentar, o que pode levar a uma compreensão mais profunda dos conceitos e melhores resultados acadêmicos (Anny, em resposta ao questionário).

Sim. Um bom professor acolhedor ajuda principalmente em nossas inseguranças. Mais ainda nos motivam a melhorar e ampliam nossos horizontes em relação à nossas ambições e estudos (Klaus Baudelaire, em resposta ao questionário).

Sim. Quando os alunos se sentem acolhidos, consequentemente eles são mais motivados a tentarem praticar a LI sem receberem julgamento (Maria, em resposta ao questionário).

Sim. Em qualquer coisa que buscamos aprender e dependemos de uma pessoa para nos auxiliar, nos sentimos mais seguros quando o mediador é uma pessoa acolhedora, que entende os alunos como seres individuais, que respeita o ritmo de cada um e que reconhece desde as pequenas evoluções. Isso é algo que se aplica a vida, a Educação e na aprendizagem de um novo idioma não é diferente. Muitas pessoas já ingressam no estudo com algumas crenças sobre si mesmas que não são positivas, mas que podem ser desconstruídas durante o processo (Maria Luísa, em resposta ao questionário).

Diante do questionamento, os participantes foram categóricos em afirmar que é importante a boa relação entre professor e aluno, bem como a relevância do acolhimento, do afeto e da compreensão que o educador destina ao educando no ambiente da sala de aula, por serem atitudes que motivam e encorajam de forma positiva na participação das atividades propostas na aula de LI.

Dessa forma, destaca-se o quanto é fundamental que o professor reconheça as pequenas evoluções dos seus alunos e respeite as suas individualidades, como salienta Maria Luísa em sua fala. Ao tratarem destes aspectos, Elias e Machado (2021) evidenciam que os estudantes são plurais e não aprendem da mesma forma, demandando diferentes estímulos para desenvolver suas distintas habilidades. Estes aprendizes questionam, apontam críticas, argumentos, hipóteses e têm autonomia, devendo assim ter suas emoções, individualidade e ritmo de aprender respeitados.

Outro fator importante na aprendizagem é a forma que o docente atribui o *feedback* ao aluno. A depender de como ocorrer, este retorno pode ativar emoções positivas, como alegria, confiança e autoestima, o que irá contribuir para resultados favoráveis à aprendizagem, como podemos ver abaixo nas falas de Anny e Maria Luísa.

O *feedback* de alguns professores também me ajudou muito, eles me encorajaram a continuar a dedicar e compreender que o processo de aprendizagem acontece aos poucos (Anny, trecho da narrativa).

[...] houve momentos positivos em que me tomei de autoconfiança e esperança, como quando alguns professores elogiavam minha pronúncia e desenvoltura, motivavam a estudar e apresentavam opções interessantes para isso, também quando compartilhava experiências com os colegas (Maria Luísa, trecho da narrativa).

Por outro lado, a forma como o professor impõe um *feedback* ou alguma crítica em relação ao desempenho do aluno pode desmotivá-lo e despertar emoções negativas. Cabe destacar que não estamos afirmando que os erros não devam ser pontuados, apenas ressaltando que estas correções sejam realizadas de maneira saudável, fazendo com que o aprendiz não se sinta ofendido ou diminuído, mas determinado a corrigi-los e ampliar seus conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatores emocionais perpassam nossas ações cotidianas e podem impactar as relações de maneira positiva ou negativa, dependendo das circunstâncias a que somos expostos. Na sala de aula não é diferente, pois os discentes estão em constante interação entre colegas e professores, o que ativa emoções distintas.

Ao analisar os dados deste estudo, ficou evidente a necessidade de o docente buscar compreender os impactos dos fatores emocionais na aprendizagem. O fato de conhecer os alunos e suas limitações torna-se fundamental para despertar emoções positivas, proporcionando um ambiente agradável em que se sintam acolhidos, valorizados e motivados a aprender. Vimos também que a oralidade é a habilidade mais afetada ao tratarmos das implicações das emoções no aprendizado de uma LE, sendo perceptível nas falas dos participantes que, nos momentos em que precisam se comunicar em público, muitos se sentem ansiosos, inseguros e pouco confiante em seu desempenho.

A pesquisa mostrou ainda que o processo de ensino/aprendizagem de inglês, para manter o aluno engajado e motivado, requer o uso de metodologias criativas e diversificadas promovendo um ambiente imersivo, em que docentes e discentes interajam amigavelmente. Diante dos resultados alcançados e do papel relevante que as emoções de professores e alunos apresentam ao se estudar uma nova língua e, principalmente, se comunicar oralmente nela, espera-se contribuir com a formação de futuros professores ampliando o entendimento da temática em evidência. Esperamos também colaborar para que professores consigam identificar essas emoções negativas em seus alunos durante as aulas, de maneira a poder ajudá-los a vencer o medo, a insegurança, a vergonha e oferecer ao estudante caminhos que o leve a aprender de forma mais leve, descontraída e motivadora.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: **Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

ELIAS, Mariana; MACHADO, Alessandra. **Cérebro e afetividade**: Potencializando uma aprendizagem significativa. Rio de Janeiro: Wak, 2021.

FIGUEIREDO, Francisco. **Fatores afetivos e aprendizagem de línguas**: Foco na escrita e na correção de erros. In MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (org.). **Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas**: Múltiplos olhares. Campinas: Pontes, 2011. p. 115-162.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

KRASHEN, Stephen. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. California: Pergamon Press, 1982.

KRASHEN, Stephen. **Second language acquisition and second language learning**. Oxford: Pergamon, 1981.

LAGO, Neuda. **Me, myself and you**: Autoestima e aprendizagem de línguas. In MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (org.). **Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas**: Múltiplos olhares. Campinas: Pontes, 2011. p. 49-88.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana. **Falar, fazer, sentir, vir a ser**: Ansiedade e identidade no processo de aprendizagem de LE. In MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. (org.). **Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas**: Múltiplos olhares. Campinas: Pontes, 2011. p. 17-48.

OLIVEIRA, Luciano. **Métodos de ensino de inglês**: teorias, práticas, ideologias. São Paulo: Parábola, 2014.

SANTOS, Jardel; BARCELOS, ANA MARIA. Não sei de onde vem essa timidez, talvez um medo de parecer ridículo-: um estudo sobre a timidez e a produção oral de alunos de inglês. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 17, p. 15-38, 2018.

SILVA, Dineuza; BASTOS, Luciete. A afetividade no processo de ensino-aprendizagem: contributos da teoria de Henri Wallon, **Debates em Educação**, Maceió, Vol. 14, Nº. Especial, p. 605-620, 2022.